

Ministério da Educação – MEC  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC



## *“Resignificação do Ensino Agrícola”*

**- Relatório Consolidado da Região Sudeste -**

(Rio Pomba/MG, 17 e 18 de junho de 2008)

Brasília (DF), agosto de 2008.

## APRESENTAÇÃO

---

O presente documento é resultado do Seminário de Educação Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica da Região Sudeste, cujo tema foi a “*Resignificação do Ensino Agrícola*”, realizado nos dias 17 e 18 de junho de 2008, no Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET- Rio Pomba, na cidade de Rio Pomba - MG. O evento foi promovido pelo Ministério da Educação – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica / SETEC - Diretoria de Formulação de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica e o CEFET-Rio Pomba.

Observa-se a necessidade cada vez maior do ensino agrícola ser visto em outra dimensão: associado a uma nova cultura do trabalho e da organização social, como a produção orgânica, pequenas propriedades e agricultura familiar.

O objetivo do Seminário foi discutir um novo conceito para a formação agrícola, de forma que esta responda a todas as demandas e desafios do momento atual e futuro.

O evento contou com a participação de 51 pessoas, entre educadores da rede federal de educação profissional e tecnológica (diretores de ensino, coordenadores pedagógicos e professores), das seguintes Unidades de Ensino da Rede Federal: Escola Agrotécnica Federal de Alegre/EAF, Alegre-ES; Escola Agrotécnica Federal de Barbacena/EAF, Barbacena-MG; Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes/EAF, Inconfidentes-MG; Escola Agrotécnica Federal de Muzambinho/EAF, Muzambinho-MG; Escola Agrotécnica Federal de Machado/EAF, Machado-MG, Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista/EAF, São João Evangelista-MG; Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia/EAF, Uberlândia – MG; Centro Federal de Educação Tecnológica de Bambuí/CEFET, Bambuí-MG; Centro Federal de Educação Tecnológica de Januária/CEFET, Januária-MG; Centro Federal de Educação Tecnológica de Uberaba/CEFET, Uberaba-MG; Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário - UFV, Florestal-MG; Colégio Agrícola Nilo Peçanha/UFF, Pinheiral-RJ; e Colégio Ildelfonso Basto Borges- UFF, Bom Jesus do Itabapoana-RJ.

O evento foi organizado em três momentos. Inicialmente, foi feita uma reflexão sobre o Ensino Agrícola na Rede Federal – “*Resignificação do Ensino Agrícola*”; no segundo momento, foram formados três Grupos de Trabalho cujo objetivo foi diagnosticar a realidade da educação agrícola na atualidade, indicar os desafios e propor estratégias para a superação. O terceiro momento ficou dedicado à plenária final. O objetivo foi o de socializar as informações oriundas dos três grupos e também possibilitar a todos os participantes apresentarem sugestões e críticas enriquecendo as propostas em geral.

O relatório sistematiza os principais aspectos de cada uma das três etapas, a partir dos pontos fundamentais ressaltados pelos palestrantes e participantes dos grupos de trabalho: os elementos centrais relativos a cada tema específico e as proposições que deverão subsidiar a formulação de políticas públicas.

Além disto, são contemplados alguns pontos destacados pelos participantes durante os debates. Por fim, são apresentadas breves considerações sobre o seminário, a partir das impressões da própria Coordenadora.

## ABERTURA DO SEMINÁRIO

---

A abertura oficial do Seminário do Ensino Agrícola da Região Sudeste coube ao Diretor Geral do CEFET-Rio Pomba professor Mário Sérgio Costa Vieira, pela Diretora de Ensino do CEFET-Rio Pomba professora Maria de Fátima Furtado Lima; representando o Diretor de Políticas da Educação Profissional da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC/MEC, Mariângela de Araújo Póvoas Pereira, Consultora Pnud/MEC, e pelo Grupo de Trabalho do Ensino Agrícola<sup>1</sup>.

Após uma breve saudação aos componentes da mesa o Diretor Geral do CEFET-Rio Pomba, professor Mário Sérgio, iniciou sua palestra dando ênfase às questões relacionadas à agricultura familiar, reforma agrária e movimentos sociais. Fez um contraponto entre o agronegócio e a agricultura familiar destacando os impactos ambientais, econômicos e sociais da modernização conservadora da agricultura citando alguns exemplos: forte dependência dos setores fornecedores de insumos industriais, tanto de insumo químico à base de petróleo quanto de equipamentos e máquinas agrícolas; expansão de monoculturas e da pecuária em grandes extensões de terras; destruição de recursos naturais (degradação de solos, poluição das águas, destruição das florestas etc.); aprofundamento dos indicadores de pobreza e de êxodo rural.

Encerrou sua participação afirmando que o conservadorismo não cabe mais na proposta dos novos Institutos de Educação, Ciência e Tecnologia – IFETs. Desejou a todos os participantes um bom evento e que dos dois dias de intensas discussões e reflexões frutificassem.

Na seqüência, a Diretora de Ensino do CEFET-RP, professora Maria de Fátima, cumprimentou todos os presentes iniciando sua apresentação afirmando que o Evento tem como objetivo maior fazer uma reflexão sobre as possibilidades e potencialidades do ensino agrícola da rede federal. Igualmente, debater e buscar

---

<sup>1</sup> - Prof. Canrobert Kumpfer Werlang (Diretor do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria/RS); Prof. Eli Lino de Jesus (Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba/MG); e Prof. Francisco José Montório Sobral (Escola Agrotécnica Federal de Concórdia/SC). O Prof. Genival Alves de Azeredo (Diretor do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros da Universidade Federal da Paraíba/PB) não esteve presente.

novos valores e novas formas de produzir. Acrescentou que não podemos mais nos omitir uma vez que existe uma necessidade urgente de buscarmos um novo modelo agrícola, que esteja em sintonia com o desenvolvimento social e com a sustentabilidade.

Coube a Mariângela, consultora do Pnud/MEC, representar o Diretor de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica, professor Luiz Caldas. Destacou a importância do grande momento que atravessa a Educação Profissional e Tecnológica, graças às decisões de um governo que demonstra profunda compreensão do valor estratégico da mesma para o desenvolvimento nacional.

Afirmou que um novo lugar no desenvolvimento científico e tecnológico da rede federal está sendo construído para essa modalidade de ensino. Novo como resultante das discussões, reflexões e transformações gestadas ao longo dos seminários do ensino agrícola que realizados regionalmente. O debate sobre a resignificação do ensino agrícola é de fundamental importância para que a Rede das EAFs esteja sintonizada com as demandas do desenvolvimento social local e regional.

O representante do Grupo de Trabalho do Ensino Agrícola, professor Francisco Sobral, da EAF-Concórdia, apresentou o histórico do Grupo de Trabalho, criado no ano de 2006, na Gestão da professora Jaqueline Moll, com o objetivo de “repensar o Ensino Agrícola”.

Discorreu sobre o contexto da criação das escolas agrotécnicas dando destaque aos seus objetivos no atendimento das demandas do capital, no período da Revolução Verde.

Fez a seguinte observação “que na atualidade as escolas agrotécnicas têm como desafio a realidade sócio-ambiental e econômica de um País em forte e profunda transformação rural”.

Afirmou o docente que nossas escolas estão focadas no atendimento de um modelo de agricultura que exclui a maioria dos alunos e eles não conseguem mais emprego no agronegócio.

Frisou ainda que, neste ambiente, é essencial refletirmos e repensarmos sobre as políticas para o ensino agrícola. Observando que necessitamos de outras características e linhas voltadas para a agricultura familiar e com o viés agroecológico como um dos elementos de referência para a dinâmica produtiva. “O nosso maior desafio é mudar nossos currículos, os projetos políticos pedagógicos que são pouco humanistas e muito excludentes”, ressaltou ele.

Lembrou que os filhos dos proprietários rurais são líderes. Saem da escola com 18 anos e, em um ano, retornam a sua localidade se tornando referência (líderes) por serem um dos mais letrados, e um dos únicos com ensino técnico. Podem, com isto, ser um fomentador do associativismo e cooperativismo no âmbito da agricultura familiar.

O docente ainda destacou a emoção por estar participando do processo de construção do novo ensino agrícola. Pela oportunidade de estar contribuindo nas reflexões e discussões que oportunizam o repensar do projeto político pedagógico e as matrizes curriculares das escolas, em sintonia com as pesquisas de mestrado e doutorados na área da educação do campo, que indicam a necessidade de fomentar políticas públicas para o adentimento das necessidades de quem precisa.

O mesmo ressalta que “esse é o momento”, pois existe um ambiente singular onde todos estão sensibilizados e motivados para pensar em uma nova política de ensino agrícola para o País.

Finalizando, ressaltou que isso motiva e gera um ambiente de esperança. Acrescentou que todos nós somos seres históricos. Não só produzimos história e nós estamos produzindo e construindo com liberdade total para escolher o modelo adequado para nossas especificidades locais.

Ao diretor do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, professor Canrobert Kumpfer Werlang, também representante do GT do Ensino Agrícola, coube a responsabilidade pela apresentação da Metodologia de condução dos trabalhos.

Antes, contudo, lembrou a importância de que as discussões deveriam ser pautadas também por questões concernentes à educação inclusiva e da

relevância de se contextualizar a realidade brasileira na trajetória formativa do estudante.

Já se valendo da experiência do Seminário da Região Centro -Oeste, em Urutaí/GO, o Diretor apresentou a metodologia<sup>2</sup> através da exposição de diapositivos, como forma de melhorar sua didática e a compreensão do público.

Destacou a opção de se trabalhar em três pequenos grupos visando melhorar a dinâmica do processo, possibilitando estabelecer uma discussão mais aprofundada, objetiva e consistente da temática. Ressaltando, da mesma maneira, que os integrantes de cada grupo receberão em meio físico e eletrônico as planilhas nas quais constam as questões norteadoras para as quais deverão ser apontadas as respostas. As questões foram extraídas do documento base e das contribuições enviadas pela maioria das instituições que atuam no ensino agrícola.

O resultado final do Seminário servirá de subsídio para a SETEC/MEC na formulação de políticas para o Ensino Agrícola através de resoluções, diretrizes e indicativos.

A professora Elisete Reis de Oliveira – Coordenadora Geral de Ensino, do CEFET-Rio Pomba, proferiu a palestra motivacional denominada “A Educação e o PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação – Qual o nosso papel?”. Nela destacou que o PDE tem por objetivos construir a autonomia e formar indivíduos capazes de assumir uma postura crítica e criativa frente ao mundo. Ressaltou que a Constituição Federal estabelece princípios, como “sociedade justa, livre e solidária, garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais, promover o desenvolvimento de todos sem preconceitos e discriminação”,

Destacou que é preciso educar os jovens para que permaneçam em suas propriedades, que possam gerar seus próprios empregos e renda. Não podemos de forma nenhuma regionalizar a educação. E enfatizou que não podemos ensinar o mesmo no Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Um grande desafio é contribuir para a modificação da mentalidade da população para que cada um faça seu destino e não seja excluído.

---

2 – A Metodologia Participativa favorece o engajamento, o comprometimento e a participação de todos envolvidos para a consecução dos objetivos do Evento.

Ao fazer referência do PDE na Educação Profissional e Tecnológica - EPT afirmou que a EPT é vista pelo PDE como o espaço onde os vínculos entre educação, território e desenvolvimento podem se tornar mais evidente e os efeitos de sua articulação mais notável. Lembrou que precisamos de qualidade em nossos processos educativos. “As pessoas que trabalham na área de educação devem ser realmente um educador como também os técnicos administrativos”, ressaltou.

A educadora rejeitou a postura de uma escola separatista, ressaltando que se devem valorizar as diferenças e a equidade, e que todos devem ter as mesmas condições. E afirmou que só alcançaremos uma educação de qualidade e de equanimidade se desenvolvermos a competência individual de cada um.

Fez referência do que se espera da Rede de EPT destacando a promoção de uma atuação integrada e referenciada regionalmente havendo união entre a educação sistêmica, o desenvolvimento e a territorialidade. Sugeriu que observássemos os pilares do PDE que aponta para cinco caminhos: i) visão sistêmica da educação; ii) territorialidade; iii) regime de colaboração; iv) responsabilização e v) mobilização social.

Destacou também a importância da educação que deve ser vista de forma sistêmica, justificando que quanto mais amplo o horizonte do estudante, mais ele se dedica a seus estudos ampliando suas dimensões e oportunidades.

Sugeriu que todos os educadores deveriam direcionar seus trabalhos a partir de uma visão holística da educação. Justificou sua fala afirmando que quando temos uma visão holística, temos a visão do todo, assim nossos jovens se verão como um todo. E fez referência a uma citação de Marathama Gandhi: “*a Educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa*”. Complementou com a frase do estudante de psicologia André Barreto Prudente: “*com estas palavras vemos que uma educação holística possibilita resgatar o que há de melhor no ser humano, o que há de mais belo, o que há de mais profundo: o seu interior, sua realização e crescimento como ser total*”.

Ressaltou a importância do papel do educador: acrescentar à educação os aspectos conviver e ser; educar para “qualificar”, agregar valores aos

indivíduos. “Uma educação holística visa desenvolver no indivíduo tanto a razão quanto a intuição, a sensação e o sentimento”, lembrou.

Reforçou que os pilares da educação do século XXI são: aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a viver juntos. E que a visão holística na educação contribui para: a) perceber o aluno como ser integral; b) aprender a viver junto com o aluno; c) valorizar as coisas simples da vida.

Solicitou a todos os participantes que fizessem uma reflexão sobre quais as diferenças entre “Ensinar e Educar”. E utilizou a definição de Pierre Weil para o que seja Ensinar: *“dirige-se somente às funções intelectuais e sensoriais (pensamento e sensação); mera transmissão mental de conhecimento”*.

Para o mesmo autor, a definição do que seja Educar é *“possibilitar o ser humano a se desenvolver como totalidade, em todos seus aspectos, equilibrando as suas quatro funções psíquicas: sensação, pensamento, sentimento e intuição.”*

Encerrando sua participação fez menção à definição de Paulo Freire para o que seria Educar: *“é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e onde **a questão da identidade cultural**, tanto em sua dimensão individual, como em relação à classe dos educandos, **é essencial à prática pedagógica proposta**”*.

*“Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo será inoperante, somente meras palavras despidas de significação real”*, finalizou.

Na seqüência houve a participação do coordenador do NAPNE - Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais, professor José Geraldo Souza Vale. Fez uma breve explanação sobre o núcleo dando ênfase a sua constituição e funcionamento. Segundo o professor é o setor da instituição que articula pessoas e instituições desenvolvendo ações de implantação e implementação do Programa TEC NEP no âmbito interno, envolvendo sociólogos, psicólogos, supervisores e orientadores educacionais, técnicos, administrativos, docentes, discentes e pais. Tem com objetivo principal criar na instituição a cultura da “educação para a convivência”, aceitação da diversidade, e principalmente, buscar a quebra das barreiras arquitetônica, educacionais e atitudinais.

Falou da sua motivação em fazer parte do núcleo. E destacou que o que mais o motiva é poder colaborar com as pessoas que necessitam de apoio perante a uma sociedade que os discrimina e o despreza. A falta de informação faz com que as pessoas tenham medo de trabalhar com essa realidade tão desafiadora e que é possível transformar a realidade dessas pessoas.

Apresentou um vídeo que relata experiências exitosas na rede federal de ensino com alunos que apresentavam necessidades de educação especial e que foram capazes de superar suas deficiências com apoio dessas instituições.

## **PLENÁRIA FINAL - QUADRO SÍNTESE**

---

Na seqüência são apresentadas as contribuições dos participantes do Seminário do Ensino Agrícola da Região Sudeste, na forma de quadro síntese. Consta dele: proposições, dificuldades e exemplos, tendo como base as 19 questões motivadoras.

Após o Quadro Síntese são abordadas as principais questões levantadas pelos participantes na plenária final e as considerações da Coordenadora sobre o Evento.

## **PLENÁRIA FINAL - DESTAQUES**

---

A plenária final iniciou com a exposição da dinâmica dos trabalhos pelo professor Canrorobert. Elogiando a participação e seriedade com que o trabalho foi desenvolvido tanto no grupo de trabalho quanto no geral, ressaltou a pertinência pela utilização de uma linguagem adequada aos objetivos do Evento.

Já a apresentação dos resultados dos Grupos de Trabalho coube ao professor Francisco César Gonçalves, do CEFET- Rio Pomba.

Um dos primeiros destaques apontados na plenária final foi o desafio de valorizar a interdisciplinaridade como estratégia de construção do conhecimento. Neste âmbito, ganhou relevância a necessidade de retomar ao tema Unidades de Ensino e Produção – UEPS. Segundo os presentes, num momento pretérito os professores recebiam uma gratificação para cuidar da produção em suas áreas, aspecto que a maioria defendeu que deve retornar.

Outro aspecto relevante no âmbito das UEPs disse respeito às dificuldades de realização das atividades no contexto do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA. Foram lembradas as limitações principalmente na questão da insalubridade.

Com relação ao Ensino Agrícola, em particular, os destaques apontados foram:

- Resgatar a Cooperativa Escola não como no período da COAGRI, mas na perspectiva da Cooperativa como instrumento pedagógico e do trabalho social útil – ensino;
- Criar cursos fora da Instituição – a Escola indo ao encontro das demandas da comunidade possibilitando a democratização do saber e a transposição do conhecimento;
- Regularizar os cursos de extensão com ênfase ao desenvolvimento local;
- Identificar as potencialidades regional e local para a proposição de cursos;
- Trazer os movimentos sociais para dentro do ambiente escolar;
- Criar meios e condições para que os movimentos sociais se aproximem das Escolas;

- Incentivar a criação de incubadoras de Associações e Cooperativas;
- Fortalecer a Cooperativa Escola e Agremiações Estudantis;
- Incorporar o modelo de produção de acordo com os princípios agroecológico nas escolas;
- Criar um Fórum Virtual para discussão do Ensino Médio Integrado;
- O Ensino Agrícola não perder sua identidade no contexto dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia e
- Estimular e valoriza a pesquisa nos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia.

Com referência ao corpo docente e técnico, destacou-se a necessidade do estímulo para que acessem os editais dos Programas PRONERA e ProJovem/Saberes da Terra, como forma de fortalecimento da agricultura familiar via apresentação/participação nas ações de extensão. E também a oferta de cursos de formação em Agroecologia.

No tocante à pesquisa, o destaque sugerido foi a criação e ampliação de editais específicos para a Agroecologia, no âmbito da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC, do MEC.

## **CONSIDERAÇÕES DA COORDENADORA**

---

Segundo as reflexões, discussões e proposições apresentadas no Seminário do Ensino Agrícola da Região Sudeste, pode-se constatar que o verdadeiro desafio que está instalado é o de (re)construir as bases do ensino técnico agropecuário que, ao contrário de ignorar os avanços alcançados com a tecnificação produtiva do setor, incorpore padrões sustentáveis presentes nos paradigmas ecológicos de produção agrícola e pecuária em geral.

E ainda mais: bem como instruído pela megadiversidade dos ambientes naturais concebida, o desafio passa também por considerar a diversidade socioeconômica do meio rural, sobremaneira marcada pelas diferentes categorias e regionalidades.

Para os participantes ficou claro que a construção e definição de políticas para o ensino agrícola não podem prescindir da existência dos espaços sócio-territoriais, da agricultura familiar ou do agronegócio. Seja qual for a política adotada para o ensino agrícola, não se conseguirá avançar na busca da dignidade do ser humano e na construção de uma sociedade democraticamente justa sem levar em consideração a existência desses espaços.

A educação agrícola ofertada pelas escolas que compõem a rede feral de educação profissional e tecnológica não é a força capaz de, por si só, fornecer alternativas emancipadoras. Isto posto uma vez que uma das suas principais funções é produzir a conformidade ou o consenso, através de seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados. Essa alternativa só pode ser encontrada no terreno das ações coletivas, o que pressupõe que as soluções educacionais não podem ser formais, mas essenciais, caso se queira confrontar e alterar o sistema de internalização de valores individuais com todas as suas dimensões, visíveis e ocultas.

Para Lima (2005), citando Mészáros, só através da ampla de educação poderá proporcionar instrumentos de pressão que rompam com a lógica mistificadora e alienante do capital. O mesmo defende que é possível perseguir o

objetivo de uma mudança radical nas próprias instituições educacionais. Defende também que todo ser humano contribui de uma forma ou de outra, para a formação de uma concepção de mundo predominante, que pode ser na linha de manutenção e/ou da mudança.

A metodologia do Evento continuou a mesma adotada no seminário da Região Norte e Centro-Oeste. Como os integrantes do Seminário entenderam rapidamente as estratégias a serem empregadas bem como já haviam tido contato com as questões norteadoras, o trabalho apresentou resultados extremamente satisfatórios, superando as expectativas iniciais.

As contribuições dos grupos atenderam tantos aos aspectos quantitativos como qualitativos, utilizando uma forma de acordo com os fins a que se destinam, ou seja, servirem de indicativos para o estabelecimento de políticas e ou diretrizes operacionais e exeqüíveis para o ensino agrícola na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

## **ANEXOS**